



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ALEXANDRE LEMOS BOTELHO PIMENTEL

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O MUNDO DO TRABALHO: ESTRATÉGIAS
PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES FRENTE AOS DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

SALGUEIRO-PE

2026



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ALEXANDRE LEMOS BOTELHO PIMENTEL

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O MUNDO DO TRABALHO: ESTRATÉGIAS
PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES FRENTE AOS DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Especialização Em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador(a): Prof(a). Msc Morgana Guedes

SALGUEIRO-PE

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L555 Lemos Botelho Pimentel, Alexandre.

Educação Profissional e o Mundo do Trabalho: Estratégias Pedagógicas para a Formação de Estudantes Frente aos Desafios Contemporâneos / Alexandre Lemos Botelho Pimentel. - Salgueiro, 2026.
29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência para Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano, Campus Salgueiro, 2026.
Orientação: Profª. Msc. Morgana Guedes Bezerra.

1. Educação Profissional. 2. Educação Profissional. 3. Mundo do Trabalho. 4. Indústria 4.0. 5. Estratégias Pedagógicas. I. Título.

CDD 370.113



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO - CAMPUS SALGUEIRO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

ALEXANDRE LEMOS BOTELHO PIMENTEL

**EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O MUNDO DO TRABALHO: ESTRATÉGIAS
PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO DE ESTUDANTES FRENTE AOS DESAFIOS
CONTEMPORÂNEOS**

Relatório de Formação apresentado ao curso Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do IF Sertão PE, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em: ___/___/_____.

NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. (a) (Orientador(a))
Instituição

Prof. (a)
Instituição

Prof. (a)
Instituição

SALGUEIRO-PE

2026

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, desenvolvido no âmbito da Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, consiste em uma pesquisa bibliográfica que investiga as estratégias pedagógicas capazes de articular a educação profissional às demandas contemporâneas do mundo do trabalho. Partindo da compreensão de que as transformações tecnológicas e sociais das últimas décadas, especialmente aquelas associadas à Indústria 4.0, têm reconfigurado os perfis profissionais e as relações laborais, o estudo busca responder à seguinte questão: como a educação profissional pode construir caminhos formativos que preparem os estudantes para os desafios atuais sem reduzir-se a uma lógica puramente mercadológica? O referencial teórico fundamenta-se em autores que discutem o trabalho como princípio educativo, a distinção entre mundo do trabalho e mercado de trabalho, bem como as competências requeridas no século XXI. A análise desenvolvida ao longo do texto percorre três eixos principais: as transformações no mundo do trabalho e a emergência da Indústria 4.0; os fundamentos e as contradições da educação profissional brasileira; e as experiências concretas de articulação entre escola e mundo do trabalho, examinadas a partir de estudos de caso presentes na literatura. Os resultados apontam que, embora existam iniciativas significativas de integração entre formação técnica e formação humana, persistem desafios estruturais como a defasagem curricular, a insuficiência de infraestrutura tecnológica, a fragmentação entre disciplinas propedêuticas e técnicas e a necessidade de formação continuada dos docentes. Diante desse cenário, o trabalho propõe princípios norteadores para a construção de estratégias pedagógicas que valorizem a gestão democrática, a integração curricular, o desenvolvimento de competências socioemocionais e o fortalecimento de parcerias com a comunidade e o setor produtivo, sempre na perspectiva de uma formação omnilateral e emancipadora. Conclui-se que a educação profissional, ao assumir uma postura crítica e criativa diante dos desafios contemporâneos, pode afirmar-se como espaço privilegiado para a formação de sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade social e produtiva em que estão inseridos.

Palavras-chave: Educação Profissional; Mundo do Trabalho; Indústria 4.0; Estratégias Pedagógicas; Formação Integral.

ABSTRACT

This course conclusion paper, developed within the scope of the Specialization in Teaching in Professional and Technological Education at the Federal Institute of Sertão Pernambucano, consists of a bibliographical research that investigates the pedagogical strategies capable of articulating professional education with the contemporary demands of the world of work. Based on the understanding that the technological and social transformations of recent decades, especially those associated with Industry 4.0, have reconfigured professional profiles and labor relations, the study seeks to answer the following question: how can professional education construct formative paths that prepare students for current challenges without reducing itself to a purely market-oriented logic? The theoretical framework is grounded in authors who discuss work as an educational principle, the distinction between the world of work and the labor market, as well as the competencies required in the 21st century. The analysis developed throughout the text covers three main axes: the transformations in the world of work and the emergence of Industry 4.0; the foundations and contradictions of Brazilian professional education; and the concrete experiences of articulation between school and the world of work, examined through case studies present in the literature. The results indicate that, although there are significant initiatives for integrating technical and human formation, structural challenges persist, such as curricular gaps, insufficient technological infrastructure, fragmentation between propaedeutic and technical disciplines, and the need for continuing teacher education. Faced with this scenario, the work proposes guiding principles for the construction of pedagogical strategies that value democratic management, curricular integration, the development of socio-emotional competencies, and the strengthening of partnerships with the community and the productive sector, always from the perspective of an omnilateral and emancipatory formation. It is concluded that professional education, by assuming a critical and creative stance towards contemporary challenges, can affirm itself as a privileged space for the formation of subjects capable of understanding and transforming the social and productive reality in which they are inserted.

Keywords: Professional Education; World of Work; Industry 4.0; Pedagogical

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	01
2 OBJETIVOS.....	04
2.1 OBJETIVO GERAL.....	04
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	04
3 DESENVOLVIMENTO.....	05
3.1 NARRATIVAS DO PROCESSO FORMATIVO.....	06
3.2 EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.....	08
3.3 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO ACADÊMICA NO CURSO.....	09
3.4 TRABALHO-EDUCAÇÃO: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E DIDÁTICOS I E II...10	
3.5 Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica.....	11
3.6 PRÁTICAS EDUCATIVAS INCLUSIVAS NA EPT: TEORIAS E DIDÁTICAS.....	12
3.7 DOCÊNCIA NA EPT: CONTINGÊNCIAS HISTÓRICAS E PRÁTICAS INSPIRADORAS.....	13
3.8 PRÁTICAS EDUCATIVAS INTEGRADORAS NA EPT: TEORIAS E DIDÁTICAS.....	15
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
REFERÊNCIAS.....	21

1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória na educação começou muito antes de eu compreender a complexidade que envolve o ato de ensinar. Formado em História e atuante como professor dos anos finais do Ensino Fundamental na rede municipal de São Luís, além de docente no Atendimento Educacional Especializado (AEE), construí ao longo dos anos um olhar atento às múltiplas dimensões que atravessam o processo educativo. Lido diariamente com adolescentes em formação, com suas inquietações, seus sonhos e, também, com suas dúvidas sobre o futuro. É nesse chão da escola pública, marcado por desafios e possibilidades, que a pergunta sobre o sentido do trabalho e da formação profissional nunca deixou de me acompanhar: afinal, para que mundo do trabalho estamos preparando nossos estudantes?

Essa inquietação ganhou novos contornos quando ingressei na Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Apesar de não atuar diretamente na EPT, minha experiência com jovens do Ensino Fundamental me mostrou que a discussão sobre o mundo do trabalho não pode esperar até o Ensino Médio. Os estudantes com quem convivo diariamente já se perguntam sobre seu futuro profissional, já ouvem falar em automação, inteligência artificial e crise do emprego, e muitas vezes chegam à escola desorientados diante de um horizonte incerto. Foi pensando neles, e também na minha própria formação como educador, que escolhi investigar as estratégias pedagógicas que podem aproximar a educação profissional das reais necessidades dos estudantes frente aos desafios contemporâneos.

A relevância desta temática para a Educação Profissional e Tecnológica torna-se cada vez mais evidente diante das profundas transformações que o mundo do trabalho vem atravessando. Como nos alerta Mourão (2020), a reestruturação produtiva do capitalismo, iniciada nas últimas décadas do século XX, trouxe consigo novas exigências de formação, baseadas na flexibilização, na polivalência e na chamada "captura da subjetividade" do trabalhador. A emergência da Indústria 4.0, com suas tecnologias disruptivas como inteligência artificial, internet das coisas e big data, aprofunda ainda mais essas transformações, exigindo que os profissionais

desenvolvam não apenas competências técnicas, mas também habilidades socioemocionais como criatividade, pensamento crítico e adaptabilidade (Peixoto; Matta, 2023; Graeff; Gusmão, 2025).

Diante desse cenário, a educação profissional encontra-se no centro de uma tensão fundamental: formar para atender às demandas imediatas do mercado de trabalho ou formar para uma compreensão ampla e crítica do mundo do trabalho? Essa distinção, longe de ser meramente terminológica, carrega implicações profundas para as práticas pedagógicas. Como nos ensina Fígaro (2008, apud Castro; Cunha Júnior, 2021), o mundo do trabalho compreende um conjunto complexo de fatores que engloba a atividade humana, o meio ambiente, as relações sociais, as identidades, as subjetividades e as culturas constituídas nesse processo dialético. Reduzi-lo à dimensão do mercado significa empobrecer a formação e negar aos estudantes a possibilidade de se compreenderem como sujeitos históricos capazes de transformar a realidade.

Essa discussão conecta-se diretamente à minha realidade concreta como professor da educação básica. Ao longo dos anos, tenho observado como a escola, muitas vezes, prepara os estudantes para um mundo do trabalho que já não existe mais, ou que existe apenas no imaginário de gerações passadas. Os currículos fragmentados, a desconexão entre teoria e prática, a ausência de diálogo com as transformações tecnológicas e sociais em curso – tudo isso contribui para que os jovens concluam a educação básica sem as ferramentas necessárias para compreender, criticar e atuar no mundo que os cerca. Como bem apontam Peixoto e Matta (2023) ao analisarem os cursos técnicos do IFF Campos Centro, a prevalência de disciplinas propedêuticas sobre as técnicas, somada à ausência de componentes curriculares voltados para tecnologias emergentes, revela uma defasagem preocupante entre o que a escola oferece e o que o mundo do trabalho demanda.

Por outro lado, há experiências que apontam caminhos possíveis. O estudo de Castro e Cunha Júnior (2021) sobre o Centro Territorial de Educação Profissional da Bacia do Rio Corrente, na Bahia, mostra como a criação da figura do "vice-diretor de articulação com o mundo do trabalho" e a atuação de professores articuladores de curso e orientadores de estágio podem estabelecer pontes significativas entre a formação escolar e as práticas profissionais. Ainda que permeada por desafios – como

a necessidade de uma compreensão mais aprofundada sobre a concepção de mundo do trabalho –, a experiência do CETEP evidencia que é possível construir uma educação profissional que não se limite à preparação para funções específicas, mas que contribua para a formação de sujeitos críticos e participativos.

Minha formação como professor de História e minha atuação no AEE também me ensinaram algo fundamental: a educação não pode ser pensada de forma homogênea, como se todos os estudantes partissem dos mesmos lugares e caminhassem em direção aos mesmos destinos. A diversidade presente em sala de aula – de experiências, de habilidades, de sonhos e de condições sociais – exige que as estratégias pedagógicas sejam igualmente diversas e inclusivas. No campo da educação profissional, isso significa pensar em percursos formativos que acolham as diferenças e que preparem todos os estudantes, inclusive aqueles com deficiência que acompanho no AEE, para uma participação ativa e digna no mundo do trabalho.

O impacto social e educacional do tema abordado neste trabalho transcende, portanto, os muros da educação profissional. Estamos falando de um projeto de sociedade, de que tipo de trabalhadores e cidadãos queremos formar. Como nos adverte Mészáros (2005, apud Castro; Cunha Júnior, 2021), o papel da educação é soberano tanto para a elaboração de estratégias adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução social quanto para a automudança consciente dos indivíduos. Nesse sentido, discutir as estratégias pedagógicas na educação profissional é também discutir as possibilidades de construção de uma sociedade mais justa, democrática e emancipada.

É com esse espírito que este trabalho se desenvolve. Trata-se de uma pesquisa autobiográfica, de abordagem qualitativa, que toma minha própria trajetória como professor da educação básica e meu percurso formativo na Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica como campo de investigação. A opção por este método justifica-se por sua potência em compreender como os sujeitos se constituem ao longo da vida, articulando experiências pessoais, profissionais e formativas. Nesse sentido, as experiências vividas em sala de aula, no Atendimento Educacional Especializado e nas disciplinas do curso são aqui tomadas como ponto de partida para a reflexão, estabelecendo diálogo com autores que investigam a educação profissional e o mundo do trabalho. Mais do que um exercício acadêmico,

este TCC é fruto de minhas inquietações como educador e de meu compromisso com uma escola pública que prepare os jovens não apenas para sobreviver no mercado, mas para compreender e transformar o mundo em que vivem.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Compreender como minha trajetória profissional e meu percurso formativo na Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica contribuíram para a (re)construção de saberes sobre as estratégias pedagógicas que articulam a educação profissional às demandas contemporâneas do mundo do trabalho.

2.2 Objetivos específicos

- Refletir sobre como as leituras realizadas ao longo do curso, especialmente os estudos sobre reestruturação produtiva, Indústria 4.0 e as novas competências profissionais, contribuíram para ampliar minha compreensão acerca das transformações contemporâneas no mundo do trabalho.
- Estabelecer um diálogo entre os fundamentos teóricos da educação profissional brasileira e minha trajetória como professor da educação básica, analisando como a distinção entre formação para o mercado e formação para o mundo do trabalho ressignificou meu olhar sobre a prática docente.
- Analisar, à luz dos referenciais estudados, as experiências de articulação entre escola e mundo do trabalho presentes na literatura, relacionando-as com as vivências proporcionadas pelas disciplinas do curso e com os desafios observados em minha realidade escolar.
- Pensar sobre os aprendizados construídos ao longo da especialização e seus desdobramentos para minha prática pedagógica, identificando princípios que possam orientar uma atuação docente comprometida com a formação integral dos estudantes.

3 DESENVOLVIMENTO

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa autobiográfica, de abordagem qualitativa, desenvolvida no âmbito da Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Conforme Marconi e Lakatos (2022) explicam em seus estudos sobre metodologia científica, a pesquisa qualitativa se preocupa em analisar e interpretar aspectos mais profundos das relações e dos processos sociais, o que se alinha ao propósito deste estudo de compreender a trajetória formativa do autor e suas articulações com o mundo do trabalho. A opção por esse percurso metodológico justifica-se pela natureza do objeto investigado: as estratégias pedagógicas na educação profissional e suas articulações com o mundo do trabalho constituem um campo de estudo que demanda análise aprofundada de produções teóricas já consolidadas, bem como o diálogo crítico entre diferentes perspectivas.

A pesquisa bibliográfica, aqui empreendida, busca compreender o fenômeno estudado em suas múltiplas determinações, estabelecendo relações, identificando contradições e construindo sínteses a partir do material analisado. Foi com esse espírito que me debrucei sobre os textos que compõem o corpus desta investigação, todos eles selecionados a partir de critérios intencionais, voltados à reunião de estudos que abordassem, de forma articulada, três eixos centrais: as transformações contemporâneas no mundo do trabalho, os fundamentos e desafios da educação profissional brasileira, e as experiências concretas de articulação entre escola e práticas profissionais.

Foram selecionados artigos publicados em periódicos acadêmicos qualificados, abrangendo o período de 2020 a 2025, de modo a garantir a atualidade das discussões. As obras de Mourão (2020), Castro e Cunha Júnior (2021), Castro et al. (2023), Peixoto e Matta (2023) e Graeff e Gusmão (2025) constituem a base principal da análise, às quais se somam as referências por eles citadas que se mostraram relevantes para a compreensão dos temas abordados, como os estudos de Fíguro (2008), Ramos (2011), Kuenzer (2017) e Ferretti (2018), presentes nas discussões dos autores selecionados.

O procedimento analítico adotado buscou identificar, nos textos, categorias temáticas recorrentes, convergências e divergências teóricas, bem como pistas para

a construção de propostas pedagógicas alinhadas aos desafios contemporâneos. A leitura atenta e sistemática dos materiais permitiu o estabelecimento de diálogos entre os autores, revelando tanto a complexidade do campo quanto as possibilidades de avanço nas discussões sobre a formação profissional.

Ao longo do texto, minhas experiências como professor da educação básica e como estudante da especialização entrecruzam-se com as vozes dos autores, produzindo um conhecimento situado, que reflete minhas inquietações, meus aprendizados e meu compromisso com uma educação pública de qualidade socialmente referenciada. É nesse espírito de diálogo e respeito à diversidade de saberes que esta pesquisa se desenvolve.

3.1 Narrativas do processo formativo

Sempre gostei de História. Desde os tempos de escola, as aulas que tratavam do passado, das lutas sociais, dos processos que moldaram o presente despertavam minha curiosidade e me faziam pensar sobre o mundo. Foi essa paixão que me levou a ingressar na graduação em História, onde tive a oportunidade de aprofundar meus estudos e vivenciar a pesquisa acadêmica por meio do PIBIC. A iniciação científica foi um período marcante na minha formação: aprendi a lidar com fontes, a construir problemas de pesquisa, a escrever de forma mais rigorosa. Mais do que isso, o PIBIC me ensinou que a produção do conhecimento é um processo coletivo, que exige disciplina, curiosidade e diálogo constante com outros pesquisadores.

Antes mesmo de concluir a graduação, comecei a trabalhar na educação como cuidador escolar. Foi meu primeiro contato mais próximo com a realidade da sala de aula, não mais como estudante, mas como profissional. Acompanhava alunos com deficiência, ajudava na mediação das atividades, observava o trabalho dos professores e, aos poucos, ia me encantando ainda mais com a docência. Essa experiência me mostrou que a educação inclusiva era um campo desafiador e necessário, e que eu precisava me preparar melhor para atuar nele.

Assim que me formei, fui aprovado em um seletivo para lecionar História nos anos finais do Ensino Fundamental na rede municipal de São Luís. Finalmente estava em sala de aula como professor, realizando um sonho que vinha cultivando há anos. Mas logo percebi que a formação inicial, por mais sólida que fosse, não dava conta de todos os desafios que a escola real apresentava. As turmas eram

numerosas, as realidades dos alunos muito diversas, e a cada dia eu me deparava com situações que exigiam mais do que o conhecimento específico da minha área.

Uma coisa me chamava atenção: as escolas estavam cada vez mais cheias de alunos da inclusão. Meninos e meninas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades, ocupavam as salas de aula comuns, mas nem sempre encontravam as condições necessárias para aprender. Foi observando essa realidade que decidi fazer uma especialização em Educação Inclusiva. Queria entender melhor como acolher esses estudantes, como adaptar minhas aulas, como contribuir para que a inclusão fosse mais do que um discurso bonito nos documentos oficiais.

Não parei por aí. Sempre acreditei que um professor precisa estudar continuamente, buscar novos conhecimentos, aperfeiçoar sua prática. Fiz diversos cursos de formação inicial e continuada, sempre que surgia uma oportunidade. Cada especialização, cada curso, cada leitura nova acrescentava algo à minha compreensão da educação e do meu papel como educador.

Recentemente, fui aprovado em um concurso para atuar como professor de Atendimento Educacional Especializado. Hoje, divido meu tempo entre as aulas de História e o trabalho no AEE, o que tem sido uma experiência desafiadora e profundamente formativa. O olhar que desenvolvi no AEE – mais atento às diferenças, mais cuidadoso com as estratégias de ensino, mais comprometido com a aprendizagem de todos – acaba atravessando também minha prática nas aulas de História. Aprendi que não existe uma forma única de ensinar, assim como não existe uma forma única de aprender.

Foi buscando me aperfeiçoar sempre que cheguei à Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica. Embora minha atuação seja no Ensino Fundamental, acredito que compreender as transformações no mundo do trabalho e as discussões sobre a formação profissional é fundamental para qualquer educador que trabalha com jovens. Afinal, meus alunos de hoje serão os estudantes do Ensino Médio de amanhã, e muitos deles buscarão a educação profissional como caminho. Quero estar preparado para ajudá-los a fazer escolhas conscientes e para contribuir, dentro do que está ao meu alcance, para que cheguem ao Ensino Médio com uma base sólida – não apenas de conteúdos, mas também de compreensão crítica sobre o mundo em que vivem.

3.2 Experiências e vivências na Educação Profissional e Tecnológica

Minha chegada à Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica aconteceu por uma porta lateral. Diferente de muitos colegas que já atuavam em cursos técnicos ou em instituições da Rede Federal, eu vinha do Ensino Fundamental, das aulas de História e do Atendimento Educacional Especializado. Não trazia comigo a experiência prática da sala de aula na EPT, mas trazia muitas perguntas – sobre meus alunos, sobre o futuro deles, sobre o que a escola poderia fazer para prepará-los melhor para os desafios que enfrentariam depois da educação básica.

Ao longo das disciplinas, fui percebendo que minha trajetória como professor da educação básica não era um obstáculo, mas um ponto de partida privilegiado para pensar a educação profissional. As discussões sobre as transformações no mundo do trabalho, sobre as novas demandas formativas, sobre os desafios da escola contemporânea – tudo isso encontrava eco nas minhas inquietações cotidianas. Comecei a buscar, por conta própria, leituras que aprofundassem essas questões. Foi assim que cheguei aos autores que hoje compõem a base deste trabalho: Mourão (2020), Castro e Cunha Júnior (2021), Peixoto e Matta (2023), Graeff e Gusmão (2025), entre outros. Eles não fizeram parte do currículo formal do curso, mas foram descobertos ao longo da minha pesquisa, como parte do esforço de construir um referencial teórico que dialogasse com minhas perguntas e com a realidade que me inquieta.

O contato com esses estudos ampliou significativamente minha compreensão sobre a educação profissional. O artigo de Castro e Cunha Júnior (2021) sobre o CETEP Bacia do Rio Corrente, na Bahia, me fez pensar nas possibilidades e nos limites das iniciativas de articulação entre escola e mundo do trabalho. A figura do vice-diretor de articulação com o mundo do trabalho, os professores articuladores de curso, os orientadores de estágio – tudo isso me pareceu, ao mesmo tempo, inspirador e distante da realidade que conheço. Mas talvez seja exatamente esse o papel de uma especialização: ampliar horizontes, mostrar que existem outras formas de organizar o trabalho pedagógico, outras experiências que podem nos ajudar a imaginar caminhos diferentes para a educação pública.

As discussões sobre a Indústria 4.0, presentes nos textos de Peixoto e Matta (2023), também me provocaram bastante. Confesso que, antes do curso, meu conhecimento sobre inteligência artificial, internet das coisas e big data era superficial. Ao longo da pesquisa, fui compreendendo que essas tecnologias não são apenas novidades para especialistas, mas forças que estão reconfigurando profundamente o mundo do trabalho – e que, mais cedo ou mais tarde, chegarão com força às comunidades onde meus alunos vivem. A pergunta que ficou foi: como a escola, com seus recursos limitados e suas condições concretas de trabalho, pode contribuir para que esses jovens não sejam apenas espectadores passivos dessa transformação?

Talvez o aprendizado mais significativo que o curso me proporcionou tenha sido a compreensão de que a educação profissional não pode ser pensada como uma ilha separada do restante da educação básica. Os alunos que chegam aos cursos técnicos são os mesmos que passaram pelos anos finais do Ensino Fundamental, que tiveram ou não acesso a uma formação de qualidade, que desenvolveram ou não as habilidades fundamentais para aprender ao longo da vida. Isso me fez repensar minha própria prática como professor de História: que contribuição posso dar, agora, no Ensino Fundamental, para que esses jovens cheguem melhor preparados à educação profissional? Como posso ajudá-los a desenvolver não apenas conteúdos, mas também autonomia, pensamento crítico, capacidade de se adaptar a situações novas?

Ao longo do curso, participei de debates, li artigos, escrevi trabalhos, troquei experiências com colegas que atuavam em realidades muito diversas da minha. Tudo isso foi construindo em mim uma compreensão mais ampla e mais complexa sobre a educação profissional e tecnológica. Se antes eu a via como um campo distante, hoje a enxergo como parte fundamental do sistema educacional brasileiro – e como um direito dos jovens que, assim como meus alunos, buscam na escola não apenas conhecimentos, mas também ferramentas para construir um futuro digno.

3.3 Reflexões sobre a formação acadêmica no curso

Ao longo da Especialização em Docência na Educação Profissional e Tecnológica, cursei seis disciplinas que, cada uma a seu modo, contribuíram para ampliar minha compreensão sobre o campo da EPT e, mais do que isso, para me

provocar a repensar minha própria prática como professor da educação básica. Mesmo atuando no Ensino Fundamental, distante do universo dos cursos técnicos, os debates e leituras me ajudaram a enxergar conexões que antes passavam despercebidas. Foi um movimento de ida e volta entre o que eu aprendia no curso e o que eu vivia em sala de aula, um diálogo constante que transformou minha maneira de enxergar a educação e o trabalho. Nesta seção, apresento reflexões sobre cada disciplina, destacando os conceitos centrais estudados, os momentos que mais me marcaram e o modo como esses aprendizados dialogam com o tema central deste trabalho, a articulação entre educação profissional e mundo do trabalho.

3.4 Trabalho-Educação: Fundamentos teóricos e didáticos I e II

Essas disciplinas foram o alicerce de toda a minha formação na especialização. Elas lançaram as bases teóricas que sustentaram todas as reflexões posteriores. Estudamos em profundidade a relação entre trabalho e educação, compreendendo o trabalho não apenas como atividade produtiva ou como meio de subsistência, mas como princípio educativo. Esse conceito foi um dos que mais me impactaram. A ideia de que o trabalho pode e deve ser entendido como uma dimensão formativa, capaz de desenvolver no sujeito não apenas habilidades técnicas, mas também uma compreensão mais ampla sobre si mesmo e sobre o mundo, ressoou profundamente com as perguntas que eu trazia da minha prática no Ensino Fundamental.

Um conceito central trabalhado foi o de educação omnilateral, que expressa a formação integral do ser humano em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e política. Essa perspectiva supera a dualidade histórica entre trabalho intelectual e trabalho manual, entre aqueles que pensam e aqueles que executam, que sempre marcou a educação brasileira. Compreender que a educação profissional pode e deve ser omnilateral, ou seja, voltada para a formação completa do sujeito e não apenas para sua capacitação técnica, foi um divisor de águas na minha maneira de pensar a docência.

As discussões sobre as transformações históricas nas formas de produzir e suas implicações para a formação dos trabalhadores me ajudaram a situar os desafios atuais da educação profissional num contexto mais amplo. Entendi que as mudanças no mundo do trabalho não são fenômenos isolados ou passageiros, mas expressões de transformações estruturais no modo como a sociedade se organiza para produzir

a própria existência. Isso me fez olhar para meus alunos do Ensino Fundamental com outros olhos: eles são parte dessa história, e a escola precisa ajudá-los a compreendê-la.

Lembro de um debate específico sobre a distinção entre formação para o mercado e formação para o mundo do trabalho. Foi ali que comecei a compreender que essa não é uma diferença meramente semântica, mas uma disputa política e pedagógica profunda. Enquanto a formação para o mercado busca adaptar o trabalhador às demandas imediatas do capital, muitas vezes reduzindo-o a uma peça descartável no processo produtivo, a formação para o mundo do trabalho pretende preparar sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade social. Essa discussão me acompanhou ao longo de todo o curso e acabou se tornando um dos eixos centrais do meu TCC.

A dificuldade maior nessas disciplinas foi justamente a densidade dos conteúdos. Vinha de uma formação em História, com alguma base teórica, mas os debates sobre ontologia, sobre a educação omnilateral e sobre as interpretações contemporâneas da relação capital-trabalho exigiram de mim um esforço de leitura e compreensão que, confesso, nem sempre foi fácil. Houve momentos em que me senti perdido diante de conceitos tão complexos. Mas foi também esse esforço que tornou o aprendizado mais significativo. Cada conceito compreendido parecia abrir uma nova janela para entender a realidade da educação e do trabalho.

3.5 Cultura Digital e Educação Profissional e Tecnológica

Essa disciplina chegou em um momento em que eu começava a me preocupar mais seriamente com o lugar da tecnologia na educação. Meus alunos do Ensino Fundamental são nativos digitais. Eles nasceram imersos em telas, aplicativos, redes sociais e jogos online. A tecnologia faz parte de suas vidas de uma forma que eu, como educador que cresceu num mundo analógico, às vezes tenho dificuldade de compreender plenamente. Mas será que a escola tem conseguido dialogar com essa realidade? Essa foi a pergunta que me acompanhou durante toda a disciplina.

As discussões sobre cultura digital nos provocaram a pensar criticamente sobre o que significa incorporar tecnologias ao ambiente escolar. Um conceito central trabalhado foi o de cultura digital, compreendida não apenas como uso de ferramentas, mas como conjunto de práticas, linguagens e formas de sociabilidade

mediadas pelas tecnologias digitais. Entendi que não basta colocar um computador na sala de aula ou usar um aplicativo qualquer para dizer que estamos trabalhando com tecnologia. É preciso compreender as transformações culturais que as tecnologias trazem consigo e pensar criticamente sobre como elas podem potencializar os processos de ensino e aprendizagem.

Também discutimos as competências digitais demandadas no contexto da Indústria 4.0, tema que se conecta diretamente com os desafios contemporâneos da educação técnica na era da automação e da inteligência artificial. Os estudantes de hoje, sejam do Ensino Fundamental, do Médio ou da educação profissional, precisarão lidar com tecnologias que ainda nem existem. Isso exige que a escola forme sujeitos flexíveis, adaptáveis, capazes de aprender continuamente. Não se trata mais de transmitir conhecimentos que serão úteis para toda a vida, mas de desenvolver habilidades que permitam aprender ao longo da vida.

Um dos pontos que mais me marcou foi a discussão sobre a exclusão digital e suas consequências para os estudantes das camadas populares. Enquanto alguns discursos ufanistas celebram as maravilhas da tecnologia e falam de um futuro inevitável onde todos estarão conectados, a realidade das escolas públicas, com seus recursos escassos, sua conectividade precária e suas condições de trabalho muitas vezes adversas, nos lembra que o acesso ao digital é também uma questão de direito. A disciplina me ajudou a compreender que não basta incorporar tecnologias às aulas; é preciso fazê-lo com intencionalidade pedagógica e com consciência das desigualdades que atravessam esse campo. Para muitos dos meus alunos, a escola é o único lugar onde têm acesso a um computador ou à internet. Isso traz uma responsabilidade enorme para nós, educadores.

3.6 Práticas educativas inclusivas na EPT: teorias e didáticas

Cheguei a essa disciplina com um olhar já sensibilizado pela minha atuação no Atendimento Educacional Especializado. Há anos trabalho com estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, acompanhando suas trajetórias escolares e buscando formas de garantir que tenham acesso a uma educação de qualidade. Mas as discussões sobre inclusão na educação profissional me mostraram que o tema é ainda mais complexo do que eu imaginava.

Estudamos a diferença fundamental entre integração e inclusão. A integração,

compreendemos, é o movimento de inserir o estudante com deficiência no ambiente escolar comum, mas exigindo que ele se adapte às estruturas existentes. A inclusão, por outro lado, é o movimento de transformar a própria estrutura escolar para que ela acolha a todos, com suas diferenças e especificidades. Essa distinção me fez repensar muitas práticas que eu mesmo adotava no AEE. Estava eu promovendo integração ou inclusão? Estava eu adaptando os alunos à escola ou ajudando a escola a se adaptar aos alunos?

Também discutimos os fundamentos do desenho universal para a aprendizagem, uma abordagem que propõe a criação de ambientes, materiais e estratégias que sejam acessíveis ao maior número possível de pessoas, sem necessidade de adaptações posteriores. Em vez de pensar na adaptação como algo que se faz depois, para alguns alunos específicos, o desenho universal propõe que a diversidade seja considerada desde o início do planejamento. Essa ideia me pareceu revolucionária e me fez repensar a maneira como preparo minhas aulas.

As leituras e debates me fizeram perceber que a inclusão na EPT não se resume a adaptações pontuais ou a boa vontade de alguns professores. Exige políticas institucionais, formação continuada, mudanças curriculares e, sobretudo, uma mudança de cultura. Um conceito central foi o de acessibilidade atitudinal, que diz respeito à eliminação de barreiras preconceituosas e à construção de uma cultura escolar acolhedora às diferenças. Percebi que, muitas vezes, as maiores barreiras não estão na falta de rampas ou materiais adaptados, mas no olhar que lançamos sobre os estudantes com deficiência, nas expectativas que criamos ou deixamos de criar em relação a eles.

A disciplina me ajudou a articular melhor os conhecimentos que venho construindo no AEE com as discussões específicas da educação profissional, ampliando minha compreensão sobre o que significa, de fato, uma educação inclusiva. Passei a entender que a inclusão não é um tema restrito ao AEE ou à educação especial, mas atravessa toda a prática educativa. Seja no Ensino Fundamental, seja na educação profissional, o desafio é o mesmo: construir uma escola que acolha a todos, que valorize as diferenças e que ofereça a cada estudante as condições de que precisa para aprender e se desenvolver.

3.7 Docência na EPT: contingências históricas e práticas inspiradoras

Essa disciplina teve um sabor especial para mim. Como não atuo diretamente na EPT, as discussões sobre o perfil dos professores que atuam nesse campo, sobre os desafios que enfrentam e sobre as práticas que têm desenvolvido me ajudaram a compreender melhor a realidade que eu me propunha a investigar no TCC. Foi como se eu pudesse, através das leituras e debates, visitar um universo que me era próximo apenas pelas perguntas que eu trazia.

Um conceito central foi o de docência híbrida, que caracteriza o professor da EPT como alguém que transita entre conhecimentos técnicos e conhecimentos pedagógicos, muitas vezes sem ter tido formação inicial para a docência. Aprendi que muitos professores da educação profissional são engenheiros, técnicos, profissionais de áreas específicas que se tornaram docentes por necessidade ou por vocação, mas sem uma preparação sistemática para o exercício da profissão. As análises sobre essa realidade me fizeram pensar sobre a importância da nossa especialização. Que diferença faz um curso como este na vida desses professores? Como podemos contribuir para que a docência na EPT seja cada vez mais qualificada?

As práticas inspiradoras apresentadas ao longo da disciplina mostraram que, apesar das dificuldades estruturais, há experiências valiosas acontecendo em diferentes lugares do país. Conheci iniciativas de articulação entre escola e mundo do trabalho que me deixaram animado. Uma delas envolvia a criação de espaços de gestão democrática onde professores, estudantes e representantes do setor produtivo discutiam juntos os rumos da formação. Outra trazia a experiência de escolas que conseguiram superar a fragmentação entre disciplinas propedêuticas e técnicas por meio de projetos integradores. Conhecer essas experiências me animou e me deu pistas sobre caminhos possíveis.

Se havia em mim alguma visão pessimista sobre a educação profissional, fruto talvez de uma visão muito crítica sobre os limites da escola pública, a disciplina ajudou a equilibrar o olhar. Aprendi que a crítica não precisa e nem deve impedir o reconhecimento do que vem sendo construído. Há muitas experiências valiosas acontecendo no cotidiano das escolas, muitas vezes sem visibilidade, mas que mostram que é possível fazer diferente. Cabe a nós, educadores, conhecer essas experiências, dialogar com elas e, a partir delas, construir novas possibilidades para a educação profissional.

3.8 Práticas educativas integradoras na EPT: teorias e didáticas

A ideia de integração entre teoria e prática, entre formação geral e formação técnica, entre escola e mundo do trabalho atravessa toda a discussão sobre educação profissional. Essa disciplina aprofundou justamente esse conceito, apresentando diferentes perspectivas sobre o que significa integrar e como isso pode se traduzir em práticas pedagógicas concretas.

Estudamos o currículo integrado como alternativa à fragmentação do conhecimento e à dualidade histórica entre educação propedêutica e educação profissional. Compreendi que a fragmentação entre disciplinas não é natural nem inevitável; ela reflete uma determinada concepção de conhecimento e de formação. O currículo integrado, por sua vez, propõe que os diferentes saberes sejam articulados em torno de problemas reais, de projetos concretos, de situações que façam sentido para os estudantes. Essa abordagem me fez pensar sobre minha própria prática no Ensino Fundamental. Quantas vezes meus alunos me perguntam: "Pra que serve isso que a gente está estudando?" e eu não tenho uma resposta que os satisfaça. Talvez o problema não esteja no conteúdo, mas na forma fragmentada como ele é apresentado.

Um conceito central foi o de trabalho como princípio educativo, que já havia aparecido nas disciplinas iniciais, mas foi aqui aprofundado em sua dimensão didático-metodológica. Aprendi que não basta afirmar que o trabalho é princípio educativo; é preciso traduzir essa afirmação em práticas concretas de sala de aula. Como organizar o currículo de modo que o trabalho, entendido em sua dimensão ampla, seja o eixo organizador dos conhecimentos? Como articular teoria e prática de forma que uma ilumine a outra?

Também discutimos as práticas de integração, como projetos interdisciplinares, estágios supervisionados e parcerias com o setor produtivo. Essas estratégias buscam superar a desconexão entre o que se aprende na escola e o que se vive no mundo do trabalho. Um projeto interdisciplinar, por exemplo, permite que os estudantes mobilizem conhecimentos de diferentes áreas para resolver um problema real. Um estágio supervisionado bem planejado pode ser muito mais do que um período de treinamento técnico; pode ser um espaço de reflexão sobre o trabalho, sobre suas dimensões éticas, sociais e políticas.

As discussões sobre currículo integrado, sobre a necessidade de superar a fragmentação dos conhecimentos e sobre o papel dos projetos interdisciplinares como estratégia de integração dialogavam diretamente com as leituras que eu já vinha fazendo por conta própria sobre experiências de articulação entre escola e mundo do trabalho. A disciplina me deu ferramentas para analisar essas experiências com mais criticidade e para pensar sobre como os princípios da integração poderiam, quem sabe, inspirar também práticas no Ensino Fundamental. Afinal, se a fragmentação começa cedo, por que não começar a integração também cedo?

Projetos político-pedagógicos, planos de ensino e avaliação da EPT: teorias e didáticas

Essa disciplina me ajudou a compreender a dimensão institucional e documental da educação profissional. Até então, eu tinha uma visão um tanto instrumental do projeto político-pedagógico, como um documento burocrático que precisa ser feito para cumprir exigências legais. As discussões na disciplina me mostraram que o PPP pode e deve ser muito mais do que isso.

Estudamos o projeto político-pedagógico como instrumento de gestão democrática, como espaço de construção coletiva onde a comunidade escolar define os rumos da formação. Compreendi que o PPP não é um documento que se faz no início do ano letivo e depois se guarda na gaveta. Ele é um processo contínuo de reflexão e deliberação coletiva sobre o que se quer para a escola e para os estudantes. Essa compreensão me fez olhar com outros olhos para os espaços de participação que existem na escola onde trabalho. Como temos construído nosso PPP? De fato, ele é um instrumento de gestão democrática ou apenas mais um papel que cumprimos?

Também discutimos as diferentes concepções de avaliação, desde a perspectiva tradicional, centrada em notas e classificações, até abordagens mais formativas e emancipatórias. Aprendi que a avaliação não é um momento neutro, isolado do processo de ensino e aprendizagem. Ela expressa uma determinada concepção de educação, de conhecimento e de sujeito. A avaliação tradicional, focada na mensuração de resultados, está associada a uma visão bancária da educação, onde o conhecimento é algo que se transmite e se verifica. A avaliação formativa, por sua vez, entende a avaliação como parte do processo de aprendizagem, como um

momento de reflexão e de ajuste da prática.

Um aspecto que me marcou particularmente foi o debate sobre avaliação na EPT. Como professor do Ensino Fundamental, vivo cotidianamente os dilemas da avaliação: notas, recuperações, pressão por resultados, resistência dos alunos. As discussões na disciplina me ajudaram a relativizar algumas certezas e a pensar em alternativas mais formativas e menos punitivas. Passei a experimentar, em minhas aulas, formas de avaliação que valorizam mais o processo que o resultado, que envolvem os próprios estudantes na reflexão sobre seus aprendizados. Não foi uma mudança fácil nem rápida, mas a disciplina me deu coragem para tentar.

Também me fizeram refletir sobre como a avaliação, na educação profissional, não pode se limitar à verificação de conhecimentos técnicos, mas precisa considerar também o desenvolvimento de competências socioemocionais e a capacidade de articular teoria e prática. Afinal, o mundo do trabalho contemporâneo demanda mais do que habilidades técnicas; demanda criatividade, pensamento crítico, capacidade de trabalhar em equipe, de se adaptar a situações novas. Se a avaliação não considera essas dimensões, ela está reduzindo a formação a uma dimensão muito limitada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar ao final deste trabalho é, para mim, um momento de dupla realização. De um lado, a conclusão de uma pesquisa que mobilizei ao longo de meses, mergulhando em leituras, construindo argumentos e buscando respostas para as perguntas que me acompanham desde o início da especialização. De outro, a oportunidade de olhar para trás e perceber o quanto esse percurso formativo transformou minha maneira de compreender a educação, o trabalho e, sobretudo, meu próprio lugar como educador.

Ao longo desta caminhada, pude aprofundar minha compreensão sobre as transformações que vêm reconfigurando o mundo do trabalho e suas implicações para a educação profissional. Aprendi que as mudanças no mundo do trabalho não são fenômenos isolados, mas expressões de dinâmicas estruturais mais profundas. Compreendi que a Indústria 4.0, com suas tecnologias emergentes, está reconfigurando perfis profissionais e exigindo novas competências dos trabalhadores. Percebi, sobretudo, que a formação para o século XXI não pode se limitar ao domínio técnico. Ela

precisa contemplar também dimensões como criatividade, pensamento crítico, adaptabilidade e inteligência emocional. Essa foi uma das lições mais valiosas que levo comigo.

Um dos achados mais significativos da minha reflexão foi a constatação de que existe uma tensão permanente entre dois projetos de formação. De um lado, a formação para o mercado, que busca adaptar o trabalhador às demandas imediatas do capital. De outro, a formação para o mundo do trabalho, que pretende preparar sujeitos capazes de compreender e transformar a realidade social. Essa distinção, que aprendi a nomear e aprofundar ao longo do curso, tornou-se uma chave de leitura fundamental para analisar as experiências de educação profissional e para pensar sobre os caminhos possíveis.

Ao estudar experiências concretas de articulação entre escola e mundo do trabalho, percebi que existem iniciativas inspiradoras acontecendo em diferentes lugares do país. A criação de espaços de gestão democrática, a atuação de professores articuladores e orientadores de estágio, os projetos integradores que superam a fragmentação entre disciplinas. Tudo isso me mostrou que é possível fazer diferente. Ao mesmo tempo, os desafios persistentes também se revelaram: currículos defasados, ausência de disciplinas sobre tecnologias emergentes, fragmentação entre formação propedêutica e técnica, dificuldades de interação entre docentes, limitações de infraestrutura. Esses contrastes me ajudaram a compreender que a construção de uma educação profissional de qualidade, alinhada aos desafios contemporâneos, não depende apenas de boas intenções ou de iniciativas isoladas. Depende de políticas consistentes, de investimentos adequados e, sobretudo, de uma concepção clara sobre o tipo de formação que se quer oferecer.

Aprendi também que uma educação profissional comprometida com a formação humana integral não pode prescindir de espaços de participação coletiva, de construção compartilhada de projetos, de diálogo entre os diferentes sujeitos que compõem a comunidade escolar. A autonomia da escola não é soberania individual, mas construção coletiva, exercício permanente de escuta e decisão compartilhada. Essa compreensão me fez olhar com outros olhos para os espaços de participação que existem na escola onde trabalho.

No que se refere às minhas expectativas para atuar na Educação Profissional e Tecnológica, mesmo não sendo ainda meu campo de atuação direto, o curso me proporcionou ferramentas para pensar sobre como posso contribuir a partir do lugar onde estou. Como professor do Ensino Fundamental e do AEE, enxergo pelo menos três

frentes de atuação possíveis.

Primeiro, no fortalecimento de uma prática pedagógica que desenvolva nos estudantes não apenas conteúdos, mas também autonomia, pensamento crítico e capacidade de trabalhar colaborativamente. Essas são habilidades que serão fundamentais em qualquer trajetória profissional futura, independentemente da área que escolherem.

Segundo, na articulação mais intencional com os professores do Ensino Médio e da educação profissional da rede. Busco construir pontes que tornem a transição dos alunos menos abrupta e mais significativa. Sei que não posso fazer isso sozinho, mas posso dar o primeiro passo, abrir o diálogo, compartilhar inquietações.

Terceiro, no compartilhamento, com colegas da escola, das discussões e aprendizados do curso. Quero contribuir para ampliar o debate sobre educação e trabalho também no chão da escola onde atuo. Muitos professores ainda veem a educação profissional como um campo distante. Meu papel pode ser o de mostrar que ela é parte fundamental da vida dos nossos alunos.

O processo de escrita deste memorial de formação foi, em si mesmo, uma experiência profundamente formativa. Ao longo dos meses, precisei exercitar a memória, revisitando momentos da minha trajetória que estavam adormecidos. Precisei também exercitar a escrita, aprendendo a articular minhas experiências pessoais com os referenciais teóricos estudados, a construir argumentos consistentes, a respeitar as normas sem perder a fluidez e a humanização do texto.

Mas, para além das competências acadêmicas, o processo de escrita me ensinou algo talvez ainda mais valioso. Aprendi a importância de narrar a mim mesmo, de compreender minha própria trajetória como parte de um processo maior, de enxergar nas experiências pessoais não apenas histórias individuais, mas expressões de questões coletivas que atravessam a educação brasileira. Escrever este memorial foi, também, um exercício de autoconhecimento e de afirmação do meu compromisso com a educação pública.

Sei que este trabalho não esgota o tema. Sei que não oferece respostas definitivas para os complexos desafios que atravessam a educação profissional. As questões que mobilizei ao longo da pesquisa permanecem abertas, exigindo novos estudos, novas investigações, novos olhares. Mas levo comigo a certeza de que o percurso valeu a pena. As leituras realizadas, os debates travados, as reflexões construídas. Tudo isso ficará comigo, alimentando minha prática pedagógica e meu

compromisso com uma educação que não se limite a adaptar os estudantes ao mundo, mas que os ajude a transformá-lo.

Ao finalizar esta etapa, olho para frente com expectativas renovadas. Sei que o caminho é longo e cheio de desafios. Sei que a sala de aula continua me esperando, com suas alegrias e suas dificuldades. Mas também sei que não estou sozinho. Levo comigo os aprendizados do curso, as trocas com colegas e professores e, sobretudo, a certeza de que a educação pública, gratuita e de qualidade é um direito inegociável e uma ferramenta fundamental de transformação social. É com esse espírito que concluo este trabalho, pronto para os próximos desafios que a vida docente certamente me reserva.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, L. B.; CUNHA JÚNIOR, A. S. Práticas de ensino da Educação Profissional: implicações da articulação com o mundo do trabalho no contexto do CETEP Bacia do Rio Corrente. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v. 2, n. 21, p. e10929, 2021. DOI: 10.15628/rbept.2021.10929. Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/10929>. Acesso em: 12 jan. 2026.
- GRAEFF, P. S.; GUSMÃO, D. Educação e os desafios contemporâneos para atuação profissional. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 4, 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/18708>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/s6NdjwQC6LGVHJWXNb9753R/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- PEIXOTO, A. L. A.; MATTA, L. Desafios da Educação Técnica na Era da Indústria 4.0: o caso do IFF Campos Centro. **Anais do [...] Congresso Brasileiro de Educação Profissional e Tecnológica**, 2023. Disponível em: <https://share.google/7fUJyljOKtgABACM0>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- SANTOS, S. M. A. V. et al. Práticas educativas em educação profissional e tecnológica (EPT). **Revista Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 21, n. 3, p. 01-21, 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3121/2291>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300164/mod_resource/content/1/MC_2019%20Marconi%20Lakatos-met%20cient.pdf. Acesso em: 3 abr. 2026.

